

XINGU

No parque, índios são ameaçados pela tuberculose e desmatamento

Trinta casos da doença foram diagnosticados por equipe médica da Escola Paulista de Medicina

Marcus Valient/DC



Seilert, do PNUD, mostra o Parque Nacional do Xingu, onde vivem cerca de 3700 índios de 17 diferentes povos

ALINE CUBAS

Da Reportagem

Os cerca de 3.700 índios que formam as 17 nações da maior área indígena do estado — o Parque Nacional do Xingu — estão ameaçados pelo desmatamento que avança por todo o entorno do parque, pela poluição dos rios por agrotóxicos e pelas doenças. Em um mutirão de saúde realizado durante uma semana por uma equipe médica da Escola Paulista de Medicina há aproximadamente 20 dias diagnosticou 30 casos de tuberculose entre os índios do parque.

Para discutir esses problemas, representantes dos povos do Xingu deverão estar de 1º a 3 de julho em Cuiabá para um encontro com o governador Dante de Oliveira.

Essas informações foram divulgadas ontem pela Coordenação para Assuntos Indígenas de Mato Grosso (Caiemt) que, juntamente com representantes do Instituto Sócio-econômico (ISA) — uma organização não-governamental que já atua no parque — e com técnicos do Prodeagro (Programa de Desenvolvimento Agroambiental, financiado pelo Banco Mundial), estiveram visitando a área.

Durante os dias 6 e 7 deste mês, período em que esta equipe esteve no Posto Leonardo, cerca

de 30 lideranças indígenas aproveitaram para reivindicar uma política estadual para controlar os impactos ambientais causados pelas atividades desenvolvidas nas áreas vizinhas ao parque.

De acordo com fotos da área tiradas por satélite, aproximadamente 80% do entorno do parque já foram desmatadas. “A escassez das madeiras de lei das áreas vizinhas faz com que o Xingu se transforme na menina dos olhos dos madeireiros”, ressaltou o coordenador do Caiemt, Ademir Gudrin.

Quanto à ameaça que os índios estão sofrendo de terem suas terras invadidas por garimpeiros e madeireiros, Gudrin afirmou que os índios deverão participar de pequenas expedições para o reconhecimento dos limites do parque — já que eles não participaram da demarcação da área — para, então, ajudarem a fiscalizá-los.

Segundo o consultor do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), Villi Seilert, o primeiro passo para tentar solucionar os problemas mais urgentes do Xingu — desmatamento do entorno e poluição das nascentes de seus rios — deverá ser tomado a partir do próximo mês com o início de um levantamento junto ao Internat dos proprietários das áreas vizinhas ao Parque Nacional.



Visitantes selecionados vão pagar para assistir ao Kuarup

Da Reportagem

Os curiosos que anualmente costumam ser atraídos pela festa do Kuarup poderão, a partir deste ano, ter que pagar para assisti-la. Pelo menos é o que pretende a tribo dos índios kamaiurás que para este ano já construiu uma pista de pouso e uma maloca afastada da aldeia para receber os visitantes.

Segundo o coordenador do Caiemt, Ademir Gudrin, a abertura da festa para turistas é justificada como uma alternativa financeira para a implantação nas aldeias de projetos de piscicultura e apicultura.

A ideia dos índios é reduzir a apenas cinco o número de turistas, ao custo de RS 1 mil por pessoa, a visitar anualmente a festa. Além de selecionar os visitantes apenas àqueles que têm alguma afinidade com a questão indígena.

"O que eles querem na verdade é apenas organizar o ecoturismo que já vem acontecendo. A maloca e a pista servirão para receber melhor os turistas que



visitam o parque na época da festa", avaliou o coordenador do Caiemt.

A festa do Kuarup, que dependendo da nação indígena pode ser realizada de julho a setembro, é comemorada em homenagem aos espíritos dos índios mortos. A sua realização simboliza a libertação do morto para a vida espiritual. (A.Cb.)